



11º Encontro Internacional de Política Social 18º Encontro Nacional de Política Social

Tema: Entre o capital e a vida: questão social,
crise ambiental e resistências

Vitória, ES, Brasil, 18 a 20 de agosto de 2026

Eixo: Serviço Social: fundamentos, formação e trabalho profissional

Instrumentalidade e Serviço Social: aportes teóricos de Yolanda Guerra

Claudia Ney França da Silva¹

Resumo: O artigo apresenta elementos do debate sobre a instrumentalidade no Serviço Social brasileiro, tomando como referência a primeira obra de Yolanda Guerra, publicada em 1995. Discorre sobre a trajetória profissional da autora e sobre a apreensão da instrumentalidade no âmbito do Serviço Social, com base no método do materialismo histórico-dialético de Karl Marx, no qual Guerra enfatiza a unidade entre teoria e prática.

Palavras-chave: instrumentalidade; serviço social; Yolanda Guerra.

Instrumentality and Social Work: theoretical contributions by Yolanda Guerra

Abstract: This article presents elements of the debate on instrumentality in Brazilian Social Work, taking as a reference the first work of Yolanda Guerra, published in 1995. It discusses the author's professional trajectory and the understanding of instrumentality within Social Work, based on the method of historical-dialectical materialism of Karl Marx, in which Guerra emphasizes the unity between theory and practice.

Keywords: instrumentality; social work; Yolanda Guerra.

1. Introdução

O presente artigo trata-se de um estudo teórico-reflexivo, fundamentado em pesquisa bibliográfica ancorada na tradição marxista, que problematiza criticamente a instrumentalidade no Serviço Social brasileiro a partir das contribuições de Yolanda Guerra, considerando suas mediações com os fundamentos da profissão e os desafios presentes no cotidiano do trabalho profissional.

Mas afinal, quem é Yolanda Guerra? Trata-se de uma docente que, ao longo de décadas, vem estabelecendo uma profícua interlocução com a categoria de assistentes sociais, contribuindo para a reflexão crítica sobre o cotidiano profissional diante dos múltiplos desafios postos à profissão. Sua produção teórica orienta-se pelo propósito de subsidiar a formação e o exercício profissional por meio da articulação entre os fundamentos teórico-metodológicos, ético-políticos e técnico-operativos, ancorados na perspectiva da Teoria Social Crítica de matriz marxista. Nesses termos, evidencia-se, em sua trajetória intelectual e profissional, uma preocupação central com o desenvolvimento

¹ Mestra em Política Social pelo PPGPS/UFES. Assistente Social. E-mail: claudia.neyfrancasilva@gmail.com

de pesquisas, projetos de extensão e estudos voltados à apreensão da unidade entre teoria e prática no cotidiano do trabalho profissional.

Guerra integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre os Fundamentos do Serviço Social na Contemporaneidade (NEFSSC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde desenvolveu o projeto de pesquisa 'Serviço Social: Fundamentos, História, Memória, Trajetórias' (2018). Atualmente, coordena o projeto de pesquisa em rede intitulado 'Os desafios do acesso e das intervenções profissionais nas políticas sociais diante das TIC - Tecnologia da Informação e Comunicação', o qual conta com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (CNPq, 2024).

Nessa direção, ao problematizar o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), Guerra (2025) ressalta a necessidade de indagar acerca de sua instrumentalidade e finalidade. Isso, diante das alterações substanciais nas requisições profissionais e da ampliação do uso de tecnologias e plataformas digitais, quando observa-se a intensificação de mecanismos de controle e gerenciamento sobre o trabalho de assistentes sociais, mediante a extração de sobretrabalho, o direcionamento de ações a resultados previamente estabelecidos e a imposição de processos automatizados de tomada de decisão. Sendo que tais transformações podem incidir sobre a autonomia técnico-profissional e reconfigurar o *modus operandi* da profissão, produzindo requisições que extrapolam as atribuições profissionais e, em determinadas situações, tensionam os princípios éticos do Serviço Social.

Diante disso, podemos afirmar que Guerra é uma das mais renomadas docentes e pesquisadoras do Serviço Social brasileiro, contribuindo significativamente para a produção e disseminação do conhecimento científico em âmbitos nacional e internacional – e particularmente sobre o debate da instrumentalidade. Sua atuação abrange a publicação de obras seminais, artigos e a participação ativa em espaços de debate sobre a formação e o exercício profissional, estabelecendo profícua relação com os Conselhos Regionais de Serviço Social (CRESS), por meio de atividades de formação e assessoria, além de participar da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS). Com vasta experiência na área, sua ênfase recai sobre os fundamentos do Serviço Social, a relação teoria-prática, a instrumentalidade e os impactos das tecnologias nas políticas sociais. Ademais, integra a Comissão Coordenadora da *Red Iberoamericana de Investigación en Trabajo Social* (CNPq, 2024).²

² As informações detalhadas sobre sua trajetória podem ser consultadas em seu Currículo Lattes (CNPq, 2024), bem como em repositórios acadêmicos e plataformas de divulgação científica.

2. Desenvolvimento

Ao abordar o debate acerca da instrumentalidade no Serviço Social, Guerra (2014), na obra *A instrumentalidade do Serviço Social*, estabelece um marco que inaugura e sistematiza esse relevante campo de discussão no contexto brasileiro. Historicamente, o tema tem sido considerado “mal dito” em um duplo sentido: tanto pela escassez de pesquisas e produções sob uma perspectiva crítico-profissional quanto por se constituir como um tema “maldito”, frequentemente alvo de preconceitos e desqualificação no meio acadêmico. Esse cenário expressa a resistência em problematizar a dimensão técnico-operativa, muitas vezes secundarizada frente às dimensões teórico-metodológica e ético-política do exercício profissional. Entretanto, à luz da análise da realidade concreta, evidencia-se que o debate sobre a instrumentalidade se configura como um tema atual, pertinente e estratégico para a compreensão do trabalho profissional na contemporaneidade.

Guerra (2014) explica que esse debate se desenvolve em dois níveis, os quais exigem análise crítica. O primeiro refere-se à funcionalidade da instrumentalidade no âmbito do projeto reformista da burguesia, orientado pela lógica de “reformular conservando”, especialmente por meio das políticas sociais. O segundo diz respeito às respostas que a profissão elabora diante das demandas e dos atendimentos realizados, expressando outra perspectiva da instrumentalidade, fundamentada na racionalidade dialética e sustentada pelo Projeto Ético-Político do Serviço Social brasileiro.

A autora sustenta que a capacidade de oferecer respostas às demandas sociais constitui elemento central de legitimação do Serviço Social, sendo a instrumentalidade compreendida como o processo de atendimento às múltiplas e heterogêneas demandas que incidem sobre as(os) assistentes sociais. Ela também destaca que, ao responder tanto às instituições empregadoras quanto à população usuária, o(a) profissional deve explicitar a racionalidade que orienta sua intervenção, bem como as teorias e valores que fundamentam suas escolhas. Nesse sentido, a discussão sobre a instrumentalidade implica problematizar a relação entre meios e fins, refutando qualquer pretensão de neutralidade no exercício profissional (GUERRA, 2014). Para Yolanda Guerra, a instrumentalidade é concebida:

[...] como as propriedades/capacidades das coisas, atribuídas pelos homens no processo de trabalho, convertidas em meios/instrumentos para a satisfação de necessidades e alcance dos seus objetivos/finalidade” (GUERRA, 2014, p. 25) e igualmente [...] é a capacidade de articularmos estratégias e táticas mais adequadas (ou não) aos objetivos que pretendemos alcançar (GUERRA, 2014, p. 26). De tal forma que, [...] a instrumentalidade do trabalho depende de uma definição da razão da vontade do sujeito e para isto depende de um processo de conhecimento [...] e da tomada de decisão [...] (GUERRA, 2014, p. 26).

Guerra (2014) delinea um percurso analítico para o estudo da instrumentalidade como elemento central às respostas construídas pela categoria de assistentes sociais, contribuindo para o fortalecimento da unidade entre teoria e prática. A autora explicita elementos que qualificam o debate sobre a instrumentalidade, situando tanto os desafios contemporâneos quanto as possibilidades de resistência no exercício profissional, tais como:

- A **coletivização das demandas**, em oposição às estratégias puramente individuais;
- O enfrentamento à **individualização dos problemas** sociais da população usuária;
- A resistência à **precarização e intensificação do trabalho**, mediante a reivindicação de espaços para estudo, discussão e qualificação no local de trabalho;
- A crítica ao **aligeiramento da formação** e à **mercantilização da educação**;
- O combate à **privatização do público**, com ênfase na defesa das políticas sociais;
- O fomento à **participação da população usuária** nas instâncias institucionais;
- A **criação de instrumentos emancipatórios** que superem aqueles voltados à subordinação, manipulação ou ao controle de usuários e suas famílias;
- A **negociação institucional** pautada na defesa dos interesses dos usuários;
- A **definição crítica dos critérios de elegibilidade**;
- A **atuação para além das demandas emergenciais**, visando a ultrapassagem do pragmatismo;
- A adoção de uma **atitude investigativa no cotidiano**, como meio para a reflexão crítica e a superação momentânea da imediatividade;
- A busca por **alianças com usuários e outros profissionais** que comunguem de um projeto de sociedade transformador, com o intuito de tensionar a instituição;
- A **articulação com movimentos sociais e sindicais**;
- A **orientação constante pelo Projeto Ético-Político** do Serviço Social.

Consequentemente, uma instrumentalidade rica em possibilidades somente pode ser orientada pela racionalidade crítico-dialética e por valores civilizatórios e sociocêntricos. Nessa direção, ao problematizar a necessidade de ultrapassar uma concepção meramente técnica, Guerra (2014, p. 41) afirma:

É claro que uma instrumentalidade, para ser rica, necessita encontrar as condições objetivas para tal, tanto quanto necessita de um sujeito preparado, com sólida formação intelectual, claras convicções políticas, sem esquecer que a dimensão político-profissional se faz com certezas, com princípios claros e firmes, com compromissos conscientemente assumidos e honrados.

Apreende-se das suas formulações que, para o desenvolvimento qualificado das atribuições e competências profissionais, não basta ao assistente social o mero cumprimento de tarefas. Estas, muitas vezes, encontram-se permeadas pelo pragmatismo — entendido como um fazer rotineiro, irreflexivo e automatizado —, o que difere substancialmente de uma prática orientada pela instrumentalidade dialética, tal como defendida por Guerra (2014). A instrumentalidade dialética, por sua vez, requer a reflexão acerca da finalidade concreta da ação e dos meios possíveis para sua efetivação, considerando, de forma articulada, as dimensões do trabalho profissional: a teórico-metodológica, a ético-política e a técnico-operativa.

Diante do exposto, emergem questionamentos que buscam conferir visibilidade à proposta de Guerra acerca da instrumentalidade do Serviço Social: "O quê?", "Por quê?", "Para quê fazer?", "Como fazer?", "Quando fazer?", "Com que meios?", "Onde fazer?".

Diante desses questionamentos acerca da natureza e do desenvolvimento da instrumentalidade, Guerra (2014, p. 38-39) afirma que:

- **O 'como fazer' e o 'com que meios':** referem-se às habilidades e competências que devem ser desenvolvidas continuamente durante o processo de formação;
- **O 'porquê?':** cuja resposta depende de uma leitura da realidade social apoiada em uma determinada teoria social e em uma visão específica de homem e de mundo;
- **O 'para quê?':** a resposta encontra-se subsumida aos valores e compromissos ético-políticos da profissão;
- **O 'quando?' e o 'onde?':** relacionam-se às dimensões de tempo e espaço em que a ação se insere.

A partir desses questionamentos e das direções analíticas apontadas por Guerra (2014), torna-se central discutir a relação entre a instrumentalidade e o materialismo histórico-dialético no âmbito do Serviço Social.

A obra *A Instrumentalidade do Serviço Social*³ configura-se como um marco na trajetória de Yolanda Guerra. Publicada originalmente em 1995, a obra é fruto de sua dissertação de mestrado, defendida no ano anterior sob o título *Descobrir o Cerne Racional dentro do Invólucro Místico: condições e possibilidades da instrumentalidade do Serviço Social*. Sendo o primeiro livro dedicado exclusivamente a esse debate no cenário brasileiro, o trabalho não apenas consolidou o tema, mas conferiu à autora projeção nacional e internacional na literatura da área (CNPq, 2024).

Na primeira Apresentação da obra, em 1995, Guerra elucida que a perspectiva orientadora de sua abordagem se fundamenta na ontologia do ser social pautada no trabalho. Onde articula a categoria práxis ao referencial Teórico-Metodológico Marxiano e às interpretações Lukacsianas, estabelecendo o debate a partir da categoria Racionalidade, da Razão Dialética e do Racionalismo Formal-Abstrato. Nesse sentido, Guerra acrescenta que:

A recuperação da teoria do valor-trabalho em Marx, [...], permitiu-me demonstrar a tendência da ordem capitalista em metamorfosear o processo de trabalho num conjunto de ações repetitivas, padronizadas, fragmentadas, na qual os produtos do trabalho social coletivo perdem a chancela do seu produtor (GUERRA, 2014, p. 49).

Nessa direção, a autora argumenta que:

As reflexões sobre as condições materiais de inserção da profissão na ordem Capitalista constituída permitiu-me compreender que a instrumentalidade do Serviço Social, pela qual a profissão consolida a sua natureza e articula as dimensões instrumental, técnica, política, pedagógica e intelectual da intervenção profissional, é capaz de possibilitar tanto que as teorias macroestruturais sejam remetidas à análise dos fenômenos, processos e práticas quanto esta compreensão se objetive em ações competentes técnica e politicamente. [...] (GUERRA, 2014, p. 51).

Na apresentação à décima edição (2013), Guerra reitera que o debate sobre a instrumentalidade busca romper com a perspectiva formalista, a qual reduz instrumentos e técnicas a determinantes da ação profissional estritamente na ordem do capital. A autora observa que, mesmo após dezoito anos da publicação original, a temática preserva sua atualidade, fundamentando-se em dois pilares: primeiro, o caráter recente dessa

³ GUERRA, Yolanda Aparecida Demétrio Guerra. *A instrumentalidade do Serviço Social*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1995. 212 p.

discussão na literatura crítica da área, o que demanda o preenchimento de lacunas por meio de pesquisas e sistematizações da prática; e segundo a constatação de que o conceito de instrumentalidade tem sido, por vezes, distanciado de seu sentido original (GUERRA, 2014).

Segundo Guerra (2014), a instrumentalidade é frequentemente tratada sob uma dubiedade semântica: como um tema 'mal dito' e, simultaneamente, 'maldito'. No primeiro caso, a autora refere-se à histórica escassez de pesquisas e literatura crítica na área; no segundo, aponta para o preconceito e a discriminação que cercam a temática, muitas vezes limitada a um reducionismo técnico. Esse viés simplista, que compreende a instrumentalidade apenas como um conjunto de meios e técnicas, vem sendo superado. Para Guerra, o grande avanço reside na inserção do debate no universo do trabalho, compreendido como mediação essencial no atendimento de necessidades sociais e naturais, o que reafirma a atualidade do tema e suas possibilidades ao ser apreendido na perspectiva da teoria social crítica de Marx.

Para Guerra, o Movimento de Reconceituação do Serviço Social brasileiro, iniciado na década de 1960, estabelece novas perspectivas para a compreensão do significado sócio-histórico da profissão e da Questão Social, enquanto escopo da intervenção da(o) assistente social. Esse processo redefiniu os modos de operar a prática e a percepção dos sujeitos envolvidos, fruto da inserção de um novo interlocutor: as particularidades sociopolíticas e econômicas do desenvolvimento capitalista brasileiro. Tal análise de totalidade forneceu subsídios essenciais para que o Serviço Social produzisse conhecimento a partir de uma compreensão mais nítida de sua condição de classe na dinâmica da sociedade capitalista.

Assim, o estudo da instrumentalidade, em Guerra (2014), adota como pilares teóricos a obra de Karl Marx e as interpretações de Georg Lukács. Tais referenciais fundamentam as análises sobre a Ontologia do Ser Social e a centralidade do Trabalho, categorias essenciais para compreender a constituição do ser social. É a partir dessa base ontológica que se torna possível apreender a instrumentalidade como propriedade da práxis da(o) assistente social. Guerra (2014, p. 34) afirma que:

[...] se é no trabalho que a instrumentalidade se desenvolve, ela tem, necessariamente, que acompanhar o movimento da realidade, de se construir nele, e de responder a ele, de modo que ela, em essência, histórica e dialética, donde a necessidade de uma racionalidade que acompanhe e dê sustentação a esse movimento [...].

É preciso considerar que Guerra (2022) admite que os objetivos profissionais nem sempre são alcançados plenamente. Isso ocorre porque a intervenção é determinada pelas **condições objetivas**, relativas à produção material da sociedade. Estas compreendem a divisão do trabalho, a propriedade dos meios de produção, a conjuntura, os objetos e campos de intervenção, além dos espaços sócio-ocupacionais e das relações que determinam essas condições materiais de trabalho. Por outro lado, as **condições subjetivas** referem-se aos sujeitos e às suas escolhas, envolvendo o grau de qualificação, o preparo técnico e teórico-metodológico, bem como os referenciais éticos e políticos, apropriados pelas(os) profissionais ao longo de seu processo de trabalho. E neste processo há uma série de contradições e nuances que exigem ser apreendidas pelas/os assistentes sociais,

Portanto, a instrumentalidade do Serviço Social, enquanto propriedade sócio-histórica, constitui uma condição concreta de reconhecimento das possibilidades e limites profissionais. Destarte, ela articula-se a um conjunto de condições que as(os) assistentes sociais criam e recriam em seu exercício cotidiano. Essa propriedade assume diferentes matizes conforme o espaço sócio-ocupacional, o nível de qualificação, o projeto profissional e societário hegemônico, além das correlações de forças que conformam o trabalho profissional.

Aprofundando o debate acerca da natureza das escolhas profissionais que fundamentam o Projeto Ético-Político do Serviço Social, Guerra (2007) argumenta que:

Para uma profissão, ser orientada por um projeto profissional crítico significa, ainda, a possibilidade de construção de perfis profissionais, dentre eles o do profissional que conhece suas competências e imprime qualidade técnica às suas ações com uma direção crítica [...] e consciente, visando a defesa permanente dos direitos sociais e humanos, considerados como conquista da humanidade, herança das lutas dos movimentos sociais e trabalhistas progressistas, de modo a superar a histórica vinculação do profissional com o conservadorismo (GUERRA, 2007, p. 9).

Considerando o perfil profissional crítico defendido no âmbito do Projeto Ético-Político, a Guerra (2014) adverte que a instrumentalidade é frequentemente reduzida, de forma equivocada, apenas aos instrumentos e técnicas. Para Cláudia Mônica dos Santos (2006), o erro reside na incompreensão da relação de unidade dialética teoria/prática apreendida por assistentes sociais ao se apropriarem do método do Materialismo Histórico-Dialético.

Santos (2006) sustenta que um referencial teórico não engendra, de forma imediata, instrumentos ou técnicas de intervenção. Ela reafirma a indissociabilidade entre os fundamentos teórico-metodológicos — ancorados no materialismo histórico-dialético — e a dimensão operativa na realidade concreta. Tal compreensão evidencia que a relação entre teoria e prática no Serviço Social brasileiro transcende o pragmatismo, recusando respostas imediatistas e simplificadoras às expressões da questão social. Sob a perspectiva do materialismo histórico-dialético, a unidade entre teoria e prática processa-se na diversidade das mediações. Isso ocorre porque toda prática é atravessada por determinações que, embora regidas por leis sociais, não se manifestam de forma imediata na aparência do objeto. Somente o exercício teórico sobre o real possibilita que a prática se converta em teoria; esta, por sua vez, ao ser mobilizada no planejamento e na avaliação do exercício profissional, adquire potencial transformador sobre a realidade, encontrando-se, portanto, impregnada por uma racionalidade dialética.

[...] Para a teoria se transformar em prática, são necessárias as definições dos fins e a busca dos meios os quais implicam uma dimensão-ético política e técnico-operativa. Aponto, nesse processo, tanto a unidade entre as dimensões aqui privilegiadas, quanto as diferentes funções desses elementos na efetivação da ação, detendo-me nos instrumentos enquanto elementos que fazem parte dos meios. Assim, a formação profissional deve contemplar os conhecimentos necessários a essas dimensões, quais sejam, um conhecimento teórico, um conhecimento ético-político e conhecimentos procedimentais (SANTOS, 2006, p. 6).

Santos (2006) demonstra que a relação entre teoria e prática se sustenta na práxis, uma vez que ambas integram o processo das objetivações humanas. Nessa perspectiva, a teoria cumpre a função de explicar, interpretar e examinar o objeto — que é, em si, resultado de uma prática social. Configura-se, assim, uma unidade dialética entre o movimento de apropriação teórica do real e a intervenção material no mundo, estabelecendo uma mútua dependência entre o pensar e o agir profissional.

No âmbito ABEPSS e do conjunto CFESS/CRESS (Conselho Federal de Serviço Social/Conselhos Regionais de Serviço Social), observa-se um esforço contínuo na disponibilização de subsídios teóricos e técnicos acerca das diversas temáticas que atravessam o exercício profissional. Todavia, cabe problematizar o efetivo alcance desses conteúdos junto à categoria profissional e, simultaneamente, refletir sobre a produção intelectual de assistentes sociais nos diferentes espaços sócio-ocupacionais.

Nessa direção, ao aprofundar o debate acerca da relação entre instrumentalidade, fundamentos profissionais e direção social da profissão, Guerra (2022) reitera que a instrumentalidade transcende a dimensão técnico-operativa, articulando-se intrinsecamente aos fundamentos teórico-metodológicos e ético-políticos do Serviço Social. Depreende-se, contudo, que ainda permanece no horizonte profissional uma compreensão equivocada, que reduz a instrumentalidade ao mero manejo de instrumentos e técnicas no processo de trabalho de assistentes sociais.

Ao analisar a realidade do processo de trabalho, Guerra (2014) destaca que os sujeitos históricos desenvolvem capacidades singulares mediadoras de suas relações sociais, dentre as quais se destacam a consciência, a linguagem, o intercâmbio e o conhecimento. Tais mediações, constituídas no âmbito da práxis, revelam-se fundamentais para a reprodução do ser social. Nessa perspectiva, o desenvolvimento do trabalho pressupõe a apreensão das próprias relações sociais, exigindo que o processo de reprodução humana seja mediado por complexos sociais como a ideologia, a teoria, a política, o direito e a técnica. Sobre essa articulação, a autora afirma que:

[...] o trabalho, enquanto objetivação fundante do ser social, contém em si determinações materiais e ideais, as quais incorporam não apenas o fazer, mas o porquê, o para que e o quando fazer, ou seja, a intencionalidade das ações humanas (GUERRA, 2014, p. 46).

O debate consiste em conceber o trabalho a partir da capacidade teleológica do ser humano — isto é, sua faculdade de projetar e antecipar mentalmente os objetivos que pretende alcançar. Para Kosik (1969), a práxis utilitária imediata e o senso comum que lhe é inerente permitem ao homem orientar-se no mundo e manejar as coisas, mas não oferecem a compreensão da realidade em sua essência.

Trata-se de uma práxis historicamente determinada e unilateral, marcada pela fragmentação decorrente da divisão social do trabalho e das classes. O impulso espontâneo de isolar fenômenos e cindir o real é acompanhado por uma percepção do 'todo' que, embora evidente para a consciência ingênua, permanece imatura e assistemática. Portanto, a superação da pseudoconcreticidade efetiva-se mediante a crítica revolucionária da práxis humana, do exercício do pensamento dialético e da construção da realidade. Trata-se de um processo ontogenético, uma vez que, para o indivíduo social-histórico, o acesso ao mundo da verdade constitui, simultaneamente, uma criação própria e espiritual, forjada no âmago de sua inserção na história (KOSIK, 1969).

3. Considerações finais

Guerra (2014), ao desenvolver o estudo da instrumentalidade no Serviço Social sob a perspectiva da teoria social de Karl Marx, possibilita apreender o trabalho profissional a partir de uma direção teórica e política na qual a práxis reflexiva supera a imediatez do real. Segundo a autora, no trabalho enquanto relação entre ser humano e natureza, e na práxis enquanto conjunto das formas de objetivação humana, os sujeitos realizam sua teleologia, compreendida como intencionalidade (GUERRA, 2015). Tal premissa ratifica a teleologia como faculdade intelectual capaz de desvelar o mundo da pseudoconcreticidade no qual se insere o exercício profissional. Desse modo, toda postura teleológica carrega em si uma instrumentalidade, facultando ao ser humano a capacidade de atribuir aos objetos propriedades propriamente sociais, convertendo-os em instrumentos e meios voltados à consecução de suas finalidades.

Ao situar as diversas produções de Yolanda Guerra, observa-se sua significativa contribuição à categoria profissional por meio de um debate profícuo que atravessa os fundamentos do Serviço Social, no qual a autora atualiza e amplia a discussão acerca da instrumentalidade. Constitui-se, assim, um amplo acervo teórico, parcialmente disponível em plataformas digitais, como o YouTube, além de publicações em meios impressos.

Diante das reflexões apresentadas por Guerra (2013), evidencia-se a necessidade de contraposição à lógica do capital, que subordina o agir profissional a uma racionalidade meramente instrumental. O método crítico-dialético marxiano possibilita não apenas desvelar os limites da realidade contemporânea, mas também fundamentar estratégias capazes de resgatar a instrumentalidade em sua dimensão crítica e transformadora. Em um contexto marcado pela intensificação do pragmatismo e pela racionalidade instrumental, o debate sobre a instrumentalidade permanece essencial para a articulação entre os fundamentos da profissão e os desafios presentes no cotidiano do trabalho profissional de assistentes sociais.

Referências

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico E Tecnológico (CNPq). **Currículo Lattes: Yolanda Aparecida Demétrio Guerra**. Disponível em:

<http://lattes.cnpq.br/4263622867321897>. Acesso em: 11 jul. 2024.

GUERRA, Yolanda Guerra. **O projeto profissional crítico: estratégia de enfrentamento das condições contemporâneas da prática profissional**. Serviço Social & Sociedade, São Paulo, n. 91, p. 5-33, set. 2007.

GUERRA, Yolanda Guerra. **Expressões do pragmatismo no Serviço Social: reflexões preliminares**. Katálisis, Florianópolis, v. 16, n. esp., p. 39-49, 2013.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rk/a/YC4WByMy9S8rWF7qwRZff8y/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 6 de maio de 2026.

GUERRA, Yolanda Guerra. **A instrumentalidade do Serviço Social**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

GUERRA, Yolanda Guerra. **A instrumentalidade do Serviço Social** [vídeo]. Palestra proferida no Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais, realizado em Belo Horizonte, promovido pelo Conselho Regional de Serviço Social – 6ª Região (MG), com o tema 80 anos de Serviço Social: tendências e desafios, de 19 a 21 maio 2015. Disponível em: <http://www.cress-mg.org.br/hotsites/4-simposio-mineiro-de-assistentes-sociais>. Acesso em: 6 de maio de 2026.

GUERRA, Yolanda Guerra. **Instrumentalidade no trabalho do assistente social** [vídeo]. YouTube, 4 abr. 2022. Aula ministrada no Curso de Aperfeiçoamento – Módulo 2: Instrumentalidade no trabalho do assistente social, promovido pelo Conselho Regional de Serviço Social – 3ª Região (CE), no Canal do Assistente Social. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pmQ2vZl6M10>. Acesso em: 17 set. 2024.

GUERRA, Yolanda Guerra. **Tecnologias da Informação e Comunicação e seus impactos no modus operandi do trabalho profissional de assistentes sociais**. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL; ENCONTRO NACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL, 2023, Vitória. Anais [...]. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2023. Disponível em:

<https://periodicos.ufes.br/einps/article/view/41296>. Acesso em: 7 de maio de 2026.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

SANTOS, Cláudia Mônica dos Santos. **Os instrumentais e técnicas: mitos e dilemas na formação profissional do assistente social no Brasil**. 2006. 251 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) — Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/30/teses/665082.pdf>. Acesso em: 6 de maio de 2026.